

**PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

**ITINERÁRIOS, PRÁTICAS E SIGNIFICAÇÕES DO SEXO TARIFADO
ENTRE HOMENS**

CRISTIANO HAMANN

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

**Porto Alegre
Janeiro, 2016**

PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**ITINERÁRIOS, PRÁTICAS E SIGNIFICAÇÕES DO SEXO TARIFADO
ENTRE HOMENS**

CRISTIANO HAMANN

ORIENTADORA: Profa. Dra. KÁTIA BONES ROCHA

Dissertação de Mestrado realizada no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração em Psicologia Social.

**Porto Alegre
Janeiro, 2016**

PONTÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

**ITINERÁRIOS, PRÁTICAS E SIGNIFICAÇÕES DO SEXO TARIFADO
ENTRE HOMENS**

CRISTIANO HAMANN

COMISSÃO EXAMINADORA

FERNANDO ALTAIR POCAHY
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO DE JANEIRO

PAULA SANDRINE MACHADO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

KÁTIA BONES ROCHA
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
ORIENTADORA PRESIDENTA

**Porto Alegre
Janeiro, 2016**

Ficha Catalográfica

H198i Hamann, Cristiano

Itinerários, práticas e significações do sexo tarifado entre
homens / Cristiano Hamann . – 2016.

89 f.

Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em
Psicologia, PUCRS.

Orientadora: Profª. Dra. Kátia Bones Rocha.

1. gênero. 2. prostituição masculina. 3. sexualidade. I. Rocha,
Kátia Bones. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da PUCRS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

Este trabalho de pesquisa foi elaborado num momento de intensa e significativa mudança em minha vida. Diversas pessoas participaram destas mudanças, cada uma a sua maneira, e por isso me parece difícil agradecer adequadamente. É aí que mora o *clichê*, verdadeiro e, não menos, honesto. Desta forma, os meus agradecimentos se dirigem a minha família, na qual, de tempos em tempos, redescubro partes de mim. Aos grupos de pesquisa *Identidades, Narrativas e Comunidades de Prática e Psicologia, Saúde e Comunidades*, nos quais conheci colegas de trabalho e de vida. Em especial, agradeço a Professora Kátia e ao Professor Adolfo pela atenção e companheirismo ao longo deste mestrado. Agradeço também ao CNPQ, pela bolsa concedida para a realização desse estudo.

RESUMO

O presente estudo tem como perspectiva explorar os significados e sentidos atribuídos à prostituição de homens em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Para tanto, foi realizada uma pesquisa por meio de dois processos de coleta de dados vinculados e indissociáveis: o primeiro sendo uma incursão de inspiração etnográfica pelos lugares de prostituição de homens na cidade, e o segundo uma série de entrevistas com homens que se dedicam a prostituição, gerentes de estabelecimentos e promoters de festas. As entrevistas e experiências etnográficas em campo foram retroalimentadas, de modo que elas procuraram reconstruir um itinerário usual dos homens que se prostituem em Porto Alegre. Por meio de um olhar em sintonia dos Estudos de Gênero, aderindo a uma perspectiva interseccional, esta pesquisa deu ensejo para a compreensão de como as negociações no sexo tarifado são atravessadas por marcadores de diferença que situam determinados homens, contextualmente, em posições de maior ou menor possibilidade de articulação. Além disto, procura-se refletir sobre a formação de comunidades de prática de neste contexto, fenômeno que engloba interações entre homens que se prostituem, gerencias de estabelecimento para prostituição e clientes.

Palavras-Chaves: Gênero, Prostituição masculina, Sexualidade.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.05.00-3 - Psicologia Social

ABSTRACT

The present study has the aim to explore the significance and meanings attributed to the men's prostitution in Porto Alegre, Rio Grande do Sul. For this, a survey by two collection processes linked and inseparable data was performed: The first being an ethnographic incursion inspiration for the men's prostitution places in the city, and the second a series of interviews with men who engage in prostitution, business managers and promoters of these places. The interviews and ethnographic experiences in the field were fed back, looking for understanding and rebuilding a usual route of men who prostitute in Porto Alegre. Through a glance at tuning of Gender Studies, adhering to an intersectional perspective, this research gave rise to an understanding of how the negotiations on tarified sex are crossed by markers of difference that place certain men, contextually, in higher positions or less possibility of articulation. In addition, it seeks to reflect on the formation of communities of practice in this context, a phenomenon that includes interactions among men who prostitute themselves, establishing managerial into prostitution and clients.

Key-words: Gender, Male Prostitution, Sexuality.

Área conforme classificação CNPq: 7.07.00.00-1 - Psicologia

Sub-área conforme classificação CNPq: 7.07.05.00-3 - Psicologia Social

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	6
ABSTRACT	7
SUMÁRIO	8
1. APRESENTAÇÃO	10
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24

1. APRESENTAÇÃO

Esta Dissertação é fruto de meus interesses por locais marcados pelo anonimato e sexo, antes mesmo das experiências de caráter etnográfico como pesquisador à lugares de prostituição. Desta forma, as aproximações teóricas decorrentes das leituras sobre sexualidades, práticas eróticas, das relações comunitárias de sexualidade e das noções do corpo como plataforma de possibilidade política e subversiva, provém de uma sensibilidade construída por vivências em certa medida compartilhadas. Ao passo que não era de todo novidade para eu pensar nos locais envolvidos na pesquisa, olhar estes locais e vivências pelo lócus da prostituição de homens se desenhava como um desafio emergente. Assim, essa dissertação de mestrado em Psicologia Social se apresenta como uma possibilidade de conhecimento parcial e situado (Haraway, 1995), organizado por certas significações que dei à relações e ambientes marcados por relações de desejo e possibilidades de subversão, e que são motivo das minhas considerações discursivas e etnográficas.

No início da presente investigação, animado pelo desafio de falar sobre prostituição de homens, fui surpreendido em uma conversa displicente sobre pesquisa acadêmica. Na ocasião, numa roda de conversa com alguns amigos, contava sobre o que tentaria desenvolver ao longo do mestrado e da aventura que seria compreender um pouco mais certas nuances desse mundo instigante para mim. Logo após a conversa, em um momento mais privado, um dos participantes se aproximou e disse, em tom solícito, fazer “programas” eventualmente. Surpreso pela abordagem direta, mas animado pela disponibilidade, tratei de marcar uma conversa para que ele me contasse detalhes de sua experiência, o que foi prontamente aceito.

Não acho que tenha conseguido disfarçar minha animação e falta de tato. Logo senti que a oportunidade de conversar com um jovem mestrando, formalmente instruído, economicamente abastado, dividia espaço com a surpresa de um “tipo” de “garoto de programa” que não me parecia acessível pelas leituras teóricas que havia realizado. Alguém me surpreendia logo nos primeiros momentos de concepção da pesquisa. Alguém que, na nomeação de um de seus fazeres cotidianos, mudava de

forma considerável o meu olhar. Mas o que isso significava? O que significava o investimento que tinha eu, como pesquisador/interlocutor realizado no momento que tomei ciência de que um sujeito próximo era possível participante de pesquisa? Entre as tantas histórias compartilhadas, que com generosidade meu interlocutor tratava de tornar o mais “real” possível, conseguia imaginar, e compartilhar, de certa vontade dissidente de experiência. Ao longo das narrativas sobre suas aventuras, brincando com as possibilidades do próprio corpo e marcando o desejo de viver experiências sexuais inesperadas, curiosas e muitas vezes perigosas, ele me dizia de seus encontros e do erotismo envolvido na negociação do seu sexo. Era uma possibilidade de vida que se mostrava mais próxima e heterogênea do que nunca.

Entretanto, ao passo que as informações que meu interlocutor trazia falavam de um espaço de experiência, não era possível abstrair o contexto de nosso encontro e generalizar a história de vida daquele sujeito das condições que permitiam a sua experiência na prostituição. Era um jovem cujo itinerário vital se mostrava bastante diferente dos outros homens que figuravam na literatura da qual tinha acesso até então. Deste incômodo gerado, entre a experiência instigante do itinerário vivenciado pelo jovem e das leituras de outros contextos – nos quais diversas formas de vulnerabilidade se enredavam – a presente pesquisa se estruturou. Esta apreensão não se dá no vácuo e compreende uma forma de conceber as pessoas como sujeitas a dimensões historicamente, socialmente e culturalmente localizadas, como sexualidade e gênero.

Desta forma recorri a leituras que me indicavam que concepção de pessoa era essa que eu buscava, parcialmente construída ao longo da minha experiência enquanto estudante de História, e que fazia do “ser homem” um arranjo sócio-histórico-contextual. Encontrei em leituras de perspectiva feminista as discussões que procurava, e aproveitei o tanto quanto pude. Segundo Margareth Rago (1998), o campo reconhecido como Epistemologia Feminista define-se por uma forma de produção de conhecimento coerente com um projeto feminista de ciência – em cujo processo se produz uma reflexão aos modos dominantes de produção de conhecimento, assim como perspectivas alternativas de ação nesta esfera de discussão. Para a autora é necessário atentar que, ao passo que as teorias feministas não rompem absolutamente com os modelos de conhecimento nas

Ciências Humanas, esses modelos são postos em tensão – provocando certas rupturas e muitas ressonâncias em campos científicos diversos.

É importante notar, como alerta Rago (1998), que as críticas ao sujeito universal da Ciência provocadas pelas lutas feministas levam a se pensar em uma diversidade de epistemologias feministas, visto que historicamente foram múltiplas as participações do feminismo na crítica cultural, teórica e epistemológica. Atingindo uma pretensa racionalidade com a qual não se pensa a pluralidade, a crítica ao universalismo denuncia o caráter particularista, ideológico, racista e sexista da produção científica, assim como não faz atentar para o “ser homem” por esta lente (Medrado & Lyra, 2008). Faz-se, portanto, um repensar das esferas de saber desarticulando a produção de conhecimento calcado na ideia de objetividade e neutralidade, de modo que a concepção de Homem¹ se desarticula e possibilita a transformação social. Essa modificação operada por movimentos como o Feminismo, de uma noção de monolítica em que a ideia de Homem comporta uma posição de neutralidade para uma visão plural politicamente implicada, permitiu uma leitura mais ampla do âmbito que me sentia convidado a me aproximar: as discussões sobre o contexto identitário.

Esta necessidade de aproximação às discussões relativas aos processos identitários na Contemporaneidade, segundo Stuart Hall (2001), é sintomática. O autor indica que a fragmentação do “sujeito moderno” e a emergência dos estudos sobre o campo das identidades e das identificações na Contemporaneidade não são fenômenos deslocados ou isolados em alguma área do conhecimento. O declínio da noção de indivíduo como construto unificado, típico da Modernidade, acompanha a emergência de várias possibilidades identitárias que, segundo o autor, devem ser historicizadas e, portanto, fomentam tantas análises. A perspectiva de Bauman compreende que seria inapropriado pensar, na Contemporaneidade, uma pessoa nuclear (de características essencializadas e não conflitivas) e que deveríamos atentar para as diversas possibilidades de contradições, e multiplicidades de identificação atuais. Este macrocontexto também é o alvo das indagações de Gilles

¹ Homem, aqui, é uma ênfase dada à identidade monolítica e essencial promovida durante a Modernidade.

Lipovetsky (2006), que o compreende como intrinsecamente vinculado a relações humanas de urgência e consumo, nas quais o desejo e a satisfação momentânea seriam características fundamentais. O autor aponta como é necessário pensar as identidades contemporâneas como construções permeadas por uma conjuntura econômica, comunicacional e ideológica de massas.

Essa conjuntura social deveria ser tomada como um palco onde se situam as pessoas e um contexto sem o qual não se poderia compreender a vida no Ocidente capitalista (Lipovetsky, 2006). Como Stuart Hall e Gilles Lipovetsky, Zygmunt Bauman (2001, 2005) indica que ponderar sobre o modo de vida contemporâneo faz com que pensemos em certa fluidez e em um cotidiano cuja velocidade é diferente de outros períodos históricos. Apesar das diferentes terminologias adotadas, como “Modernidade Líquida” (Bauman, 2001; 2005), “Hipermodernidade” (Lipovetsky & Charles, 2004) ou Pós Modernidade (Hall, 2001; Harvey, 1994) – terminologias estas que podem remeter a divergências teóricas – a percepção sobre a emergência do estudo acerca das relações compreendidas como do campo das identidades é compartilhada.

Nestas tentativas de superação de um conceito de identidade iluminista e essencialista, como também critica Stuart Hall (2001), destaca-se a leitura de Kenneth Gergen (1996), que defende que as diversas experiências humanas são estabelecidas pelo contexto, sujeitas a modificações no sentido de que nunca se estabelece uma síntese identitária, já que a identidade seria compreendida como algo que está sempre em processo de construção. Possibilidades de interpretação do âmbito das identidades, como as modalidades de compreensão estruturadas pela narrativa (Ricoeur, 1997) e reflexiva (Giddens, 1987, 1989) também figuram no contexto de produção acadêmica. Estas perspectivas tentam instrumentalizar a compreensão de relações estabelecidas macroestruturalmente, no entanto, com enfoque nos sentidos que o indivíduo dá a sua história e em como reflete acerca de si através da linguagem, e particularmente, da narrativa. Para Paul Ricoeur (1997), a percepção de continuidade estaria centrada na história de vida, pela qual, apesar dos diversos acontecimentos, se estabeleceria uma espécie de personagem permanente. Neste sentido a identidade se situaria em uma trama, num fluxo ao qual se estabelecem sentidos à vida e uma sensação de continuidade. Tanto Anthony Giddens (1987, 1989) quanto Paul Ricoeur (1997) ressaltam que a pessoa

cria sua própria história e toma posições estratégicas a partir do que lhe é possível. Esta noção de identidade - compreendida a partir da narrativa - propõe que na construção de suas noções de si os indivíduos negociariam socialmente os significados de suas experiências.

Na esteira dessas significações contemporâneas sobre identidade, também se localizam as origens das problematizações sobre os homens e as masculinidades estão intrinsecamente relacionadas às reflexões feministas e as discussões acerca da noção de identidade. É importante notar que o desenvolvimento destes estudos desencadeou um processo de desnaturalização de um sistema macrocultural de dominação do branco, masculino e heterossexual. Neste processo de militância e indagação, aspectos como poder, identidade e dominação se tornaram pauta de muitas discussões e trouxeram como questão a configuração contemporânea das relações de gênero. Ao pontuarem a dominação dos homens como processo histórico (e, portanto, passível de mudança) desencadeou-se um processo social identificável como uma perda de espaço dos homens na contemporaneidade, por vezes denominado como uma crise do masculino (Cecarelli, 1998). Na esteira destes questionamentos, Pierre Bourdieu (2014) analisa os processos relacionados à dominação masculina e sua naturalização ao longo da história, mostrando como diversas instituições – como a Família, o Estado e a Escola – sancionam um sistema de violência simbólica baseado em relações assimetricamente estabelecidas de diferenciação e hierarquia entre homens e mulheres.

Entretanto, podemos compreender diversas destas interpretações como intrinsecamente vinculadas a uma noção de que o masculino está “naturalmente” ligado aos homens. Esta perspectiva naturalizada, que fica subjacente a vários escritos, parece indicativo da emergência de pensar novas articulações interpretativas/políticas no que concerne ao campo das identidades – a exemplo do que as estratégias queers parecem propor, uma composição hiperidentitária e pós identitária (Preciado, 2011). Este campo de discussão, na qual as teorias *queer* também figuram, oferecem uma perspectiva relacional que se evidencia cada vez mais nos estudos de gênero e sexualidade. Esse processo vai culminar com diversos argumentos a favor de análises mais complexas, que componham uma

problematização do “ser homem”, “ser mulher”, “masculino” e “feminino” entendidos como pluralidades, como possibilidades e não como sentenças essenciais. Essa questão da pluralidade se mostra em função da necessária problematização destas categorias sociais, que exigem contextualização e se mostram em múltiplas (tanto quanto se considera os diferentes aspectos da vida cotidiana em suas particularidades). Nesse pressuposto histórico e social, que aborda a necessidade de um resgate cotidiano e diverso em relação ao gênero, as inúmeras possibilidades de significar o “ser homem” exigiriam que a tomássemos também enquanto diversidade, não algo essencial, constante ou universal, mas sim corporificado e contextual.

Problematizando as formas de naturalização sobre o “ser homem” no *Ocidente*, estudiosas e estudiosos compreendem esta esfera de construção social como um fazer complexo. Pela via da reflexão acerca das provas cotidianas e dos ritos pedagógicos de passagem (Badinter, 1995), dos homens e suas relações com espaços de convivência (Welzer-Lang, 2001) ou do afastamento constante dos homens com o campo simbólico compreendido como feminino (Torrão Filho, 2005), este fenômeno socialmente contextual que é tornar-se homem sofre um exercício de progressiva desnaturalização. Outros estudos, compreendendo a necessidade de criticar a noção hegemônica de homens e masculinidades, inspiram-se nas ideias provenientes do Feminismo Negro estadunidense (Magliano, 2015; Piscitelli, 2008; Pocahy, 2011) e atentam justamente para que se coloque em pauta a dinâmica entre marcadores sociais como raça, sexualidade, idade, território neste campo (Viveros-Vigoya, 2001; 2008).

Se a sexualidade é importante em estudos sobre homens, já que se constitui como dimensão social relevante em diversas esferas da vida humana, neste trabalho é compreendida como um eixo crucial de análise. Nesta interface entre o campo das identidades, da desnaturalização do ser homem e do exercício das masculinidades, é um ponto a ser elencado. Apesar de não ter um significado único ou representar um campo específico de análise (Piscitelli, Gregori & Carrara, 2004), neste estudo é tomada como constitutiva da subjetividade dos homens e compreendida como campo que demanda ser historicizado (Dias Duarte, 2004), de modo a contradizer os discursos indicados por Foucault (1988) que a atribuem o

estatuto de verdade íntima, profunda e fundamental. Como é compreendida atualmente no campo das “Humanidades”, a sexualidade se circunscreve no âmbito da cultura, e, portanto, não há maneira mais ou menos “natural” de vivenciá-la (Adelman, 2011). Muito pelo contrário. Para além da contradição da própria denominação do dito “natural” (Haraway, Kunzru & Tadeu, 2009), e da historicidade deste âmbito da experiência humana, ainda na contemporaneamente intrinsecamente vinculada o ideal de família nuclear burguesa (Ariés, 1981), a sexualidade se faz sempre contextual e, por vezes, dissidente.

Ainda que não se debruce sobre o âmbito da sexualidade, Agnes Heller (1989) atenta para essa dimensão histórica e contextual que é a constituição das pessoas, dinâmica que para ela acontece nas esferas relativas à vida cotidiana. A autora compreende que nos tornamos pessoas num processo de relação com outros indivíduos, onde existe a apropriação de aspectos linguísticos e instrumentais. O exercício da sexualidade, dentro desta perspectiva, compreende um fazer diário e uma construção calcada no convívio. Nos textos que são derivados desta pesquisa, aspectos vinculados ao que se compreende como “ser homem” e as dimensões de sexualidade são problematizados tendo em vista a importância desta noção de cotidiano. Além disto, compreende-se que estas formas de se constituir homem (Badinter, 1993; Connell & Messerschmidt 2013) demandam uma perspectiva de sexualidade e gênero como fenômenos que são performatizados cotidianamente (Butler, 2009; Miskolci, 2012) e desejo enquanto experiência histórica, social e cultural (Gregori, 2003) – e, portanto, que envolvem uma dimensão política (Bensusan, 2004; 2006).

Este breve panorama teórico se propõe a ilustrar leituras teóricas realizadas no processo de elaboração do trabalho. Esta tessitura permitiu que, das discussões contemporâneas sobre identidade à noção de narrativa fosse capturada, enquanto forma de metodologicamente dar vazão para reflexões sobre as dinâmicas que se constroem no momento da fala. Das reflexões de gênero e sexualidade figuraram a centralidade da noção de performatividade, que aqui é tomada como intrinsecamente relacionada às narrativas cotidianas, e a percepção dos marcadores de diferença enquanto instrumento de compreensão acerca das singularidades dos itinerários de vida – mesmo num terreno que, de fora, parece homogêneo e comum.

A partir dessa noção de sujeito – fragmentada e parcial – galguei a parte seguinte de minha análise: compreender como se articula esta esfera com a literatura sobre prostituição.

Pesquisas relacionam a prostituição, tanto no que se refere a uma postura estatal como cotidiana, a discursos que reiteram a exclusão social (Penha, 2012); a questões que vinculam comércio e relações intersubjetivas (Burbulhan, Guimarães & Bruns, 2012); a discussões acirradas sobre prostituição e suas implicações em concepções feministas (Daich, 2012; Piscitelli, 2012); e especificamente a experiência de homens neste fazer (Barreto, 2012; Cantalice, 2009. Olivar, 2010; Perlongher, 2008; Pocahy, 2011; Souza Neto, 2009; Teixeira, 2011; Viana, 2010). Além disto, um aspecto que parecia importante era a dimensão do trabalho/ocupação/fazer que podia suscitar a compreensão dos homens em relação a sua vivência na prostituição. Esta indagação se deu em parte pelo fato de que, como figura em literatura especializada (Hirata & Kergoat, 2007) o trabalho ser no espaço público – usualmente reconhecido como trabalho produtivo – ser central na vida dos homens. O trabalho caracterizado como produtivo relacionado tradicionalmente aos fazeres e as formas de ser do homem, nos permite colocar em pauta indagações acerca da significação do sexo tarifado. Este pode, ou não, ser caracterizado pelos homens como um trabalho, mas é importante ressaltar que para o Ministério do Trabalho (2014) esta prática é uma ocupação reconhecida. Como se articulam essas relações de uma memória social relacionada ao trabalho produtivo, e de um fazer historicamente permeado de vulnerabilidades, para os homens que se dedicam a esse fazer?

Segundo a Classificação Brasileira de Ocupações, disponível no site do Ministério do Trabalho e Emprego (2014), a inclusão da ocupação Profissional do sexo data de 22/10/2002. Tendo sinônimos como: Garota de programa, Garoto de programa, Meretriz, Messalina, Michê, Mulher da vida, Prostituta, Trabalhador do sexo, compreende uma série de atividades que usualmente não referenciamos, no cotidiano, como ligadas à ideia de prostituição. Para além da prática sexual com o(a) cliente, o Ministério indica que o trabalhador(a) do sexo cumpra certas prerrogativas que possam minimizar possíveis vulnerabilidades (Brasil, 2014). O Ministério do Trabalho indica como fatores de formação e experiência que, para o exercício

profissional, os(as) trabalhadores(as) participem de oficinas sobre sexo seguro e que o acesso à ocupação seja restrito a maiores de dezoito anos. Ainda segundo a Classificação Brasileira de Ocupações (2014), são consideradas competências pessoais do profissional do sexo: demonstrar capacidade de persuasão e de comunicação; capacidade de realizar fantasias sexuais; demonstrar paciência; planejar o futuro; demonstrar solidariedade aos colegas de profissão; demonstrar capacidade de ouvir; demonstrar capacidade lúdica; demonstrar sensualidade; reconhecer o potencial do cliente; cuidar da higiene pessoal e manter sigilo profissional.

No entanto, de forma geral, notícias e estudos empíricos sobre prostituição demonstram uma situação na qual a existência de muitas destas características vinculadas ao sexo remunerado não estão presentes. Esta concepção sobre a prostituição poderia ser lida como uma tomada de posição propositalmente abstrata e teórica por parte do Ministério do Trabalho, em um distanciamento proposital da realidade brasileira – o que corroboraria o discurso histórico no Brasil de não envolvimento com as questões vinculadas a prostituição, e da compreensão desta como um mal necessário, tolerado. O reconhecimento pelo Ministério do Trabalho parece significar mais um passo para dar visibilidade à prostituição, no entanto não representa, necessariamente, uma alteração no discurso moralizante e vulnerabilizante em relação a esse fazer. Proveniente da reflexão sobre o que considero um descompasso do Ministério do Trabalho em relação às demandas do(a) profissional do sexo, deixo neste estudo o termo prostituição em suspenso, e procuro utilizar o termo sexo tarifado. Este termo, neste estudo, não se organiza propriamente como substituição da noção de prostituição, mas se inspira no uso feito por Pocahy (2011, 2012) que aqui estrategicamente é posto como forma de abertura para evitar interpretações pré-determinadas acerca dos usos do corpo nas entrelinhas do sistema capitalista e da cultura relacional que promove.

Com base nestas discussões prévias, esta investigação procurou contribuir para o entendimento do contexto, das significações relacionais e das práticas envolvidas no sexo tarifado realizado por homens. Pretendeu-se conhecer e analisar os sistemas de significação e de práticas que organiza a comunidade de sexo tarifado de homens na cidade de Porto Alegre. As dimensões teóricas de análise

articularam-se ao longo do trabalho realizado de modo a construir interpretações contextuais, situadas e parciais (Haraway, 1995) acerca do fenômeno do sexo tarifado. Para tanto, a escolha de percurso metodológico e analítico se deu com base nos pressupostos da Teoria Fundamentada (Charmaz, 2009), valorizando as experiências de campo (inspiradas por uma leitura etnográfica) e as entrevistas (de caráter narrativo). Um dos pressupostos básicos da Teoria Fundamentada é que os dados empíricos direcionem as articulações teóricas provenientes (Charmaz, 2009). Considerando essa perspectiva basilar, as incursões em campo procuram se guiar por meio das indicações dos próprios entrevistados acerca de seu itinerário na cidade pelos territórios de sexo tarifado.

A incursão em campo se deu pela via de informantes chave, contatados em snowball. Inicialmente, um coordenador da área de DST/Aids e Hepatites Virais do Município indicou um participante que exercia um cargo de gerência em uma sauna da cidade. A conversa realizada com este segundo participante me fez conhecer algumas particularidades deste ambiente, mas a visita ao local foi imprescindível para que realizasse observações e conhecesse homens que se dedicavam ao sexo tarifado. Esses contatos, a cada nova entrevista, me levavam a outros locais – cujo critério era fazer parte do itinerário dos entrevistados. Este processo de incursão, no qual as observações e entrevistas se tornaram indissociáveis, constituiu-se dos seguintes locais: uma rua, duas saunas, dois bares e uma danceteria. Entretanto, dado a necessidade de síntese e tempo disponível característicos do curso de Mestrado, foram escolhidos três locais para maiores considerações. Essa escolha, apesar de arbitrária, se faz pela maior permanência do pesquisador nestes locais e por que a grande maioria dos homens que conheci frequentava o Bar e a Sauna apresentados.

Como exigem as normas do Programa de Pós Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a presente dissertação é apresentada no formato de dois artigos. O primeiro artigo foi intitulado “‘Todo mundo que vai num açougue quer carne nova’: territórios de partilha e disputa de homens que se dedicam ao sexo tarifado”. Procurou, por meio da incursão do pesquisador em campo – que, em momentos valeu-se de uma fronteira difusa entre ser identificado como pesquisador, cliente ou um homem que se dedica ao sexo tarifado

– discutir a trilha geosimbólica elaborada na pesquisa, assim como as articulações de marcadores de diferença percebidos. No segundo artigo, intitulado “Dinâmicas de gênero e sexualidade no sexo tarifado entre homens: uma análise por meio da noção de comunidades de prática” procura-se analisar a configuração de comunidades de prática específicas de sexo tarifado de homens em Porto Alegre, compreendendo articulações discursivas relacionadas a exercícios de sexualidade e identificações de gênero envolvidas.

Referências

- Adelman, M. (2011). Por amor ou por dinheiro? Emoções, discursos, mercados. *Contemporânea*, 2(1), 117-138.
- Ariés, P. (1981). *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- Badinter, E. (1993). *XY: sobre a Identidade Masculina*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Barreto, V. (2012). “Vamos fazer uma sacanagem gostosa?” *Uma etnografia do desejo e das práticas da prostituição masculino carioca*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós Graduação em Antropologia.
- Bauman, Z. (2001). *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bauman, Z. (2005). *Identidade: Entrevista a Benedetto Vecchi*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bensusan, H. (2004). Observações sobre a libido colonizada: tentando pensar ao largo do patriarcado. *Revista Estudos Feministas*, 12(1), 131-155.
- Bensusan, H. (2006). Observações sobre a política dos desejos: tentando pensar ao largo dos instintos compulsórios. *Revista Estudos Feministas*, 14(2), 445-479.
- Bourdieu, P. (2014). *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: BestBolso.
- Burbulhan, F.; Guimarães, R. M.; Bruns, M. A. T. (2012). Dinheiro, afeto, sexualidade: a relação de prostitutas com seus clientes. *Psicologia em estudo* p. 669-77.
- Butler, J. (2002). *Cuerpos que importan – Sobre os límites materiales y discursivos del “sexo”*. Buenos Aires/Barcelona, México: Paidós.
- Cantalice Silva Trindade, T. (2009). Dando um banho de carinho! os caça-gringas e as interações afetivo-sexuais em contextos de viagem turística (Pipa RN). Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.

- Cecarelli, P. R. (1998). A masculinidade e seus avatares. *Catharsis*, 4(19), 10-11.
- Connell, R. W., & Messerschmidt, James W. (2013). Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Revista Estudos Feministas*, 21(1), 241-282.
- Daich, D. (2012). ¿Abolicionismo o reglamentarismo?: Aportes de la antropología feminista para el debate local sobre la prostitución. *Runa*, 33(1), 71-84.
- Duarte, L. F. D. (2004). A sexualidade nas ciências sociais: leitura crítica das convenções. In Piscitelli, A.; Gregori, M. F. & Carrara, S. (Orgs.).
- Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade. V 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- Gergen, K. J. (1996). *Realidades y relaciones*. Paidós: Barcelona.
- Giddens, A. (1987). *La teoría de la acción comunicativa*. Madrid: Taurus.
- Giddens, A. (1989). *A Constituição da Sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Gregori, M. F. (2003). Relações de Violência e Erotismo. *Cadernos Pagu*, (20), 87-120.
- Hall, S. (2001). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A.
- Haraway, D. (1995). Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, v. 5, n. 5, p. 7-41.
- Haraway, D., Kunzru, H., & Tadeu, T. (2009). *Antropologia do ciborgue*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Harvey, D. (1994). *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança social*. São Paulo: Loyola.
- Heller, A. (1989). *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra.
- Hirata, H. & Kergoat, D. (2007). Novas configurações da divisão sexual do trabalho. *Cadernos de Pesquisa*, 37(132), 595-609.
- Lipovetsky, G. & Charles, S. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Lipovetsky, G. (2006). *A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Magliano, M. J. (2015). Interseccionalidad y migraciones: potencialidades y desafíos. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 691-712.
- Medrado, B., & Lyra, J. (2008). Por uma matriz feminista de gênero para os estudos sobre homens e masculinidades. *Revista Estudos Feministas*, 16(3), 809-840.
- Miskolci, R. (2012). A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. *Sociologias*, 11(21), 150-182.

Olivar, J. M. N. (2010). Guerras, trânsitos e apropriações: políticas da prostituição feminina a partir das experiências de quatro mulheres militantes em Porto Alegre. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Perlongher, N. (2008). *O negócio do michê*. 2ªed. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.

Piscitelli, A. (2008). Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. *Sociedade e cultura*, v. 11, n. 2.

Piscitelli, A. (2012). Feminismos y prostitución en Brasil: una lectura a partir de la antropología feminista. *Cuadernos de antropología social*, n. 36, p. 11-31.

Piscitelli, A.; Gregori, M. F.; Carrara, S. (2004). *Sexualidade e saberes: convenções e fronteiras*. Editora Garamond.

Pocahy, F. A. (2011). *Entre vapores e dublagens: dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Preciado, B. (2011). Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". *Revista Estudos Feministas*, 19(1), 11-20.

Rago, M. (1998). Epistemologia feminista, gênero e história. *Masculino, feminino, plural*. Florianópolis: Ed. Mulheres, p. 25-37.

Ricoeur, P. (1997). *Tempo e Narrativa (Tomo III)*. São Paulo: Papirus.

Souza Neto, E. N. (2009). *Entre boys e frangos: análise das performances de gênero de homens que se prostituem em Recife*. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em Psicologia. Recife, Ufpe.

Teixeira, A. E. (2011). Representação sobre a atividade de garotos de programa em Belo Horizonte (MG): emprego, trabalho ou profissão? *XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*.

Torrão Filho, A. (2005). Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, (24), 127-152.

Viana, N. J. Q. (2010). *É tudo psicológico/dinheiro/pruuu e fica logo duro!: desejo, excitação e prazer entre boys de programa com práticas homossexuais em Recife*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco.

Vigoya, M. V. (2008). Memorias del 1er. Encuentro Latinoamericano y del Caribe La sexualidad frente a la sociedad. México, D.F.

Vigoya, M. V. (2011). Teorías feministas y estudios sobre varones y masculinidades: Dilemas y desafíos recientes. *La manzana de la discordia*, 2(4), 25- 36.

Welzer-Lang, D. (2001). A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Revista Estudos Feministas*, 9(2), 460-482.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo pretendeu compreender, por meio da aproximação ao contexto do sexo tarifado exercido por homens em Porto Alegre, os significados e sentidos atribuídos a este fazer. A partir da análise dos diários de campo e das entrevistas realizadas figuraram alguns aspectos relativos aos itinerários diversos no sexo tarifado porto alegre e comunidades de prática que circunscrevem o fenômeno da prostituição de homens na cidade. Marcadores como idade, escolaridade, cor e território, mesclam-se ao contexto do sexo tarifado neste contexto – articulados a aspectos discursivos que influem nestas formas de relação. Estes fatores mostraram-se intrinsecamente associados à possibilidade de agenciamento dos homens envolvidos.

A utilização de termos para designação de seu fazer (Boy, Garoto de Programa, Profissional do Sexo) indicam relações fortes com a noção de território e comunidade de prática, assim como disposições diferentes em relação ao sexo tarifado. Estas diferenças foram interpretadas como conectadas aos critérios que circunscrevem a realização do sexo tarifado (como a disponibilidade para envolvimento afetivos que borram a relação profissional/amorosa, por exemplo). Entretanto, para além da utilização de nomenclaturas específicas, é importante notar que os vínculos com “clientes fixos” (relação mais segura e rentável no comércio do sexo) pareceram mais prováveis para os homens que se aproximam de indicativos de aparência “jovem”, masculina, viril, de certa estética que se manifesta em condutas corporais e de vestuário considerados mais próximos das representações de classe média, brancos, de escolaridade elevada e de itinerário recente no sexo tarifado (ser “novo” está intrinsecamente vinculado a uma ideia de boa conduta e ingenuidade).

Entretanto, estas relações não se dão de maneira estática. Formas de exercício de poder podem ser notadas, como a ‘dessexualização’ da relação com o cliente, contrastando com a manutenção de demonstrações de afeto nos bares e saunas, e a dissociação narrativa entre orientação sexual e prática (que parece ligada a estratégias de corroboração de uma identidade heterossexual e de manutenção de domínio sobre as negociações do sexo). É evidente também, nesta

dinâmica, o uso de termos associados ao feminino, como “puta” ou “alma de puta”, “fêmeos”, “bichas” e “putões”, enquanto estratégia para posicionar pejorativamente os homens que vendem sexo, ou os clientes, e estabelecer jogos comunicacionais no contexto de negociação, dotando os envolvidos de certo espaço contextual de poder. Nesta esfera, as dimensões elencadas no quesito comunidades de prática (HSTs, HST/Gerência e HST/Clientes) oportunizam uma visão que não compreendemos como deslocadas de uma intensão comum: a manutenção dos ambientes de sexo tarifado. Entretanto indicam tensões e articulações específicas de funcionamento, calcadas nas dimensões compromisso mútuo, ação conjunta e repertório compartilhado.

Como foi discutido, é importante ressaltar que algumas dimensões da prostituição de homens merecem maior estudo. A forma difusa com a qual se dá a permanência dos *boys*/garotos de programa/profissionais do sexo, no contexto da prostituição, indica um espaço de discussão promissor. Apesar usualmente se compreender este fazer, para os homens, como uma atividade mais instável e fluida do que das mulheres e travestis, aspectos como a busca por clientes fixos, o retorno periódico indicado pelos entrevistados aos locais de prostituição, as formas de “apadrinhamento” das famílias e casais por clientes e o fato de ser a principal renda durante muitos anos indicam a necessidade de uma análise mais acurada. Além disto, a composição geosimbólica que figura no itinerário Rua/Sauna/Bar, também flerta com as possibilidades vistas pelo uso de aplicativos e mídias sociais, questão que pode ser mapeada futuramente e que indica suas próprias formas de articulação.